

# O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade

Alvaro Marcel Alves

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

**Resumo:** o artigo trata da exposição de alguns aspectos do método materialista histórico dialético e sua contribuição para o estudo da subjetividade. Apresenta definições epistemológicas e conceituais conforme tratadas por Marx e alguns comentadores. Na última parte é apresentado um esboço de uma psicologia marxista conforme proposta por autores soviéticos, sobretudo Vygotsky e como este autor incorpora o método dialético na análise dos fenômenos psicológicos.

**Palavras-chave:** dialética marxiana, psicologia, subjetividade, mediação.

## INTRODUÇÃO

A crescente sofisticação do conhecimento levou o homem a duvidar da milenar explicação mágica do mundo e a tentar compreendê-lo com teorias que, baseadas na experiência objetiva, abrangessem desde a natureza e a origem da vida e do universo até a relação do próprio ser humano com essa realidade. Essas teorias dividiram-se de modo esquemático em duas grandes tendências: materialismo e idealismo.

Materialismo é toda concepção filosófica que aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que, por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência. O materialismo contrapõe-se ao idealismo, cujo elemento primordial é a idéia, o pensamento ou o espírito.

A concepção marxista é uma ciência à qual o pensador alemão Karl Marx deu o nome de materialismo histórico e cujo objeto são as transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção. Marx constrói uma dialética (do grego dois logos) materialista, em oposição à dialética idealista hegeliana. O materialismo dialético pode ser definido como a filosofia do materialismo histórico, ou o corpo teórico que pensa a ciência da história. Os princípios fundamentais do materialismo dialético são quatro: (1) a história da filosofia, que aparece como uma sucessão de doutrinas filosóficas contraditórias, dissimula um processo em que se enfrentam o princípio idealista e o princípio materialista; (2) o ser determina a consciência e não inversamente; (3) toda a matéria é essencialmente dialética, e o contrário da dialética é a metafísica, que entende a matéria como estática e anistórica; (4) a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas.

Baseado na dialética de Hegel, segundo a qual o progresso das idéias se dá pela sucessão de três momentos -- tese, antítese e síntese --, o materialismo dialético pretende ser, ao mesmo tempo, o fim da filosofia e o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo.

O materialismo dialético entende que não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo. Entretanto, é comum vermos nas publicações marxistas certa rejeição ao tema da subjetividade. O marxismo fundou na história do pensamento uma ontologia ancorada em bases de uma dialética eminentemente histórica, que redimensionou um conjunto de questões concernentes à relação do homem com sua história, do homem consigo mesmo (Silveira, 1989). O homem marxiano se recusa como um ser apenas determinado na/pela história, mas como transformador da história, sendo a práxis, a forma por excelência desta relação.

Exporemos os princípios do método materialista histórico dialético e sua contribuição na pesquisa do tema da subjetividade em Psicologia, sobretudo na leitura de alguns psicólogos marxistas.

### *Sobre o método*

Em um periódico de São Petersburgo “Mensajeiro Europeu”, em artigo que trata apenas sobre “O Capital” (número de maio de 1872, págs. 427 a 436), o autor do artigo, após citar a obra “Contribuição à Crítica da Economia Política” de Marx (Berlim, 1859, págs. IV a VII) argumenta que o mais importante para Marx é descobrir a lei que rege os fenômenos que pesquisa a lei de sua transformação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra. Descoberta essa lei, Marx investiga em pormenor os efeitos pelos quais ela se manifesta na vida social, observa o movimento social como um processo histórico-natural, governado por leis independentes da vontade, da consciência e das intenções dos seres humanos, e que, ao contrário, determinam a vontade, a consciência, as intenções. Acrescenta que se o elemento consciente desempenha papel tão subordinado na história da civilização, é claro que a investigação científica não pode ter, por fundamento, as formas ou produtos da consciência. O que lhe pode servir de ponto de partida não é a idéia, mas exclusivamente, o fenômeno externo. Sendo assim, a inquirição crítica limitar-se-á a comparar, a confrontar um fato, não com uma idéia, mas com outro fato (O Capital, Livro I, Vol. I, 13ª ed, 1989: 14).

Ao citar esse artigo no Posfácio da 2ª edição de O Capital, Marx afirma que o autor caracterizou o seu método analítico, o método dialético. Para ele, a investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de permitir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real

A dialética era concebida por Hegel como “a compreensão dos contrários em sua unidade ou do positivo no negativo”. É o método que permite ao pensador dialético observar o processo pelo qual as categorias, noções ou formas de consciência surgem umas das outras para formar totalidades cada vez mais inclusivas, até que se complete o sistema de categorias, noções ou formas, como um todo. A dialética hegeliana progride de duas maneiras básicas: trazendo à luz o que está implícito, mas não foi articulado numa idéia, ou reparando alguma ausência, falta ou inadequação nela existente (Bottomore, 1988, p.101, 102). Hegel havia libertado da metafísica a concepção de história, ele a havia tornado dialética – mas a sua concepção de história era essencialmente idealista.

Marx e Engels procederam à crítica da especulação filosófica, da dialética hegeliana, da economia política e do socialismo utópico e isso os converteu em *fundadores da ciência da história*. E isso em um contexto histórico onde estavam excluídos do âmbito acadêmico (da ciência oficial) e diante de imperiosa perseguição policial e política. Seus escritos nascem do combate cotidiano. Consideravam que a verdadeira ciência era a história, enquanto a economia política dissociava a economia do contexto social e político, Marx e Engels

insistiam no caráter concreto dos fatos básicos da produção e reprodução das formas materiais de existência social. Concebiam o modo de produção capitalista como uma categoria histórica e opunham-se também à redução abstrata das relações econômicas a um tipo ideal e à pulverização dos eventos e processos históricos entre várias ciências históricas especiais, porém nunca abandonaram o recurso à filosofia (Fernandes, 1984).

Marx subverteu a concepção vigente de ciência, introduzindo na investigação científica o materialismo consistente, a análise dialética e a perspectiva social da classe revolucionária, o que lhe permitiu criar um modelo próprio de explicação científica da história. Ele e Engels aplicaram esse modelo de explicação ao estudo de situações históricas concretas, à crítica da economia política e do socialismo utópico-reformista e à elaboração de uma teoria geral da formação, desenvolvimento e dissolução da sociedade capitalista (Fernandes, 1984).

A construção do materialismo histórico dialético acontece na segunda fase do desenvolvimento intelectual de Marx, marcada pelo rompimento com Feuerbach em 1845 e vai até 1857, onde as premissas gerais de sua abordagem da sociedade e da história são desenvolvidas e a tendência feuerbachiana da primeira fase (primeiros escritos até 1844) é definitivamente abandonada. A terceira fase começa com a redação dos *Grundrisse* em 1858 – caracterizando-se pela análise concreta das relações sociais capitalistas adiantadas que culmina em *O Capital* (Bottomore, 1988, p.184).

Segundo Fernandes (1984) o materialismo histórico dialético designa um conjunto de doutrinas filosóficas que, ao rejeitar a existência de um princípio espiritual, liga toda a realidade à matéria e às suas modificações. É uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Marx parte da idéia de que em toda a história o homem não é uma imanência única: na idade antiga ou ele era escravo ou cidadão; na idade média era servo ou senhor; na idade moderna é proletário ou patrão, ou seja, ou ele detém os meios de produção ou vende sua força de trabalho.

As principais conotações de significação filosófica da “concepção *materialista* da história” de Marx são:

- 1) a negação da autonomia e, portanto, do primado das idéias na vida social;
- 2) o compromisso metodológico com a pesquisa historiográfica concreta, em oposição à reflexão filosófica abstrata;
- 3) a concepção da centralidade da práxis humana na produção e a reprodução da vida social, em consequência disso;
- 4) a ênfase na significação do trabalho enquanto transformação da natureza e mediação das relações sociais, na história humana;
- 5) a ênfase na significação da natureza para o homem, que evolui de uma concepção presente nas obras iniciais de Marx que concebe o homem como essencialmente unido à natureza para uma concepção de homem essencialmente oposto à natureza, e dominando-a;
- 6) a preferência pelo simples realismo cotidiano e o compromisso, que se desenvolve gradativamente, com o realismo científico, através do qual Marx vê a relação homem-natureza como internamente assimétrica, em que o homem é essencialmente dependente da natureza enquanto esta, no essencial, independe do homem (Bottomore, 1988, p.254).

Dois temas epistemológicos predominam em Marx:

1) ênfase na objetividade, na realidade independente das formas naturais e a realidade relativamente independente das formas sociais em relação ao conhecimento (isto é, realismo, na dimensão ontológica ou ‘intransitiva’);

2) ênfase no papel do trabalho no processo cognitivo e, portanto, no caráter social, irreduzível ao histórico, de seu produto: o conhecimento (isto é, o “praticismo” na dimensão estritamente epistemológica, ou “transitiva”).

O primeiro tema articula-se com a modificação prática da natureza e a constituição social; o segundo tema é compreendido por Marx como dependente da mediação e agenciamento humano intencional, ou práxis. Esses dois temas interrelacionados – objetividade e trabalho – descartam epistemologicamente, a um só tempo, empirismo e idealismo, ceticismo e dogmatismo, hipernaturalismo e antinaturalismo (Bottomore, 1988).

A crítica que Marx faz ao idealismo consiste em um duplo movimento: um momento feuerbachiano, onde as idéias são tratadas como produtos de mentes finitas materializadas, e no segundo momento, nitidamente marxiano, pelo qual tais mentes materializadas são vistas como produtos de conjuntos de relações sociais que se desenvolvem historicamente.

Marx, a partir dessas duas concepções criou o princípio dinâmico do materialismo, o qual viria a resultar na concepção revolucionária do materialismo como filosofia da prática.

*Sobre o método do materialismo histórico dialético – suas leis, conceitos/categorias e princípios*

O método de Marx, embora naturalista e empírico, não é positivista, mas sim realista. Sua dialética epistemológica leva-o também a uma dialética ontológica específica (um conjunto de leis ou princípios que governam um setor ou a totalidade da realidade) e a uma dialética relacional condicional (o movimento da história).

Se para Marx o idealismo é o erro típico da filosofia, o empirismo é o erro endêmico do senso comum. Marx colocava-se ao mesmo tempo contra a ontologia idealista das formas, idéias ou noções, com suas totalidades conceituais (ou religiosas) e a ontologia empirista dos fatos atomizados e dados, e suas conjunções constantes, em favor do mundo real, concebido como estruturado, diferenciado e em desenvolvimento e que, dado ao fato de existirmos, constitui um possível objeto de conhecimento para nós. Assim, a essência da crítica de Marx, nas *Teses sobre Feuerbach*, ao velho “materialismo contemplativo” é a de que ele dessocializa e des-historiciza a realidade, de modo que, na melhor das hipóteses, pode apenas levar à “cientificidade”, mas não sustentá-la. E a essência da crítica de Marx, no último de seus *Manuscritos econômicos e filosóficos* e em outros trabalhos, ao auge do idealismo alemão clássico na filosofia de Hegel, é que ele desestratifica a ciência e, portanto, des-historiciza a realidade, de modo a levar à “historicidade”, mas não sustentá-la. Chegamos assim aos motivos epistemológicos gêmeos da nova ciência da história de Marx: o materialismo significando sua forma genérica (como ciência), a dialética como seu conteúdo particular (como uma ciência da história).

As leis fundamentais do materialismo dialético, de acordo com Engels em *A Dialética da Natureza*, são:

1) a lei da transformação da quantidade em qualidade, segundo a qual as mudanças quantitativas dão origem a mudanças qualitativas revolucionárias;

2) a lei da unidade e interpenetração dos contrários, que sustenta que a unidade da realidade concreta é uma unidade dos contrários ou contradições;

3) lei da negação da negação, que pretende que, no conflito dos contrários, um contrário nega o outro e é, por sua vez, negado por um nível superior de desenvolvimento histórico que preserva alguma coisa de ambos os termos negados (processo por vezes representado no esquema triádico de tese, antítese e síntese) (Engels, 1979).

O componente dialético afirma que a realidade concreta não é uma substância estática numa unidade indiferenciada, mas uma unidade que é diferenciada e especificamente contraditória: o conflito de contrários faz avançar a realidade num processo histórico de transformação progressiva e constante, tanto evolucionária como revolucionária, e, em suas transformações revolucionárias ou descontínuas, dá origem à novidade qualitativa autêntica

A lógica dialética incorpora a lógica formal por superação, por isso a necessidade de uma profunda compreensão do que seja oposição e contradição. A questão é reconhecer que não são opostos confrontados exteriormente, mas são interiores um ao outro – preceito da identidade dos contrários. Essa é a contraposição marxista aos dualismos dicotômicos dos princípios de identidade e exclusão da lógica formal<sup>1</sup>.

A posição materialista dialética conserva o método dialético na análise, retirando seu conteúdo metafísico, ou seja, modifica o papel do pensamento na determinação do real procurando demonstrar que tal unidade contraditória pode ser descrita e comprovada empiricamente. A pergunta materialista dialética é: se o pensamento determina a realidade, o que determina o pensamento? A própria realidade. Marx e Engels, na Ideologia Alemã assim explicam: “O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que tem que reproduzir (...) Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como o modo como produzem”. (Marx & Engels, 1977, p. 36-37).

Seu método propõe a análise da crise na base produtiva da sociedade. Em função disso a pesquisa marxista não parte do ponto de vista da neutralidade e sim da luta de classes. A idéia de história em Marx não é de progresso, mas de crise (passagem, transitoriedade). Marx afirma que é mais fácil estudar um organismo como um todo do que as suas células. Ademais, na análise proposta por ele em seu método, não há nem microscópios, nem reagentes químicos. A capacidade de abstração é o único instrumento (Fernandes, 1984).

Marx, ainda tratando do método no posfácio à 2ª edição de *O Capital* se referindo à pesquisa/investigação ou aplicação do método diz:

a pesquisa deve dominar a matéria até o detalhe; analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que existe entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que o movimento real pode ser adequadamente exposto. Quando se consegue isto e a vida da matéria se reflete no plano ideal, seu resultado pode até parecer alguma construção a priori. Entretanto, o meu método dialético é, em sua base, não apenas diferente do método hegeliano, mas o seu inteiro oposto. Em Hegel, o processo do pensamento, que ele transforma, sob o nome de idéia, em sujeito autônomo, converte-se numa espécie de demiurgo

---

<sup>1</sup> MARTINS, L. M. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. fonte: [www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-2042--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT17-2042--Int.pdf) -

do real, real que seria apenas o instrumento para a sua manifestação exterior. Para mim, ao contrário, o ideal nada mais é do que o material transposto para a cabeça do ser humano. Em Hegel a dialética está de cabeça para baixo. Para que se descubra o núcleo racional no interior do invólucro místico, é necessário coloca-la de cabeça para cima (Marx, 1984, p. 15).

Em seu método, Marx fala de homens em relação na sua forma de produção da vida. Com isso rompe com a antologia de que o ponto de partida para a transformação da sociedade é a mudança do indivíduo. Para ele não há mudança sem mudar as relações sociais. Para Marx as categorias econômicas são apenas abstrações das relações reais e perduram enquanto perdurarem tais relações. Os homens produzem mercadorias, daí produzem idéias (categorias), ou seja, expressão abstrata das relações materiais, ou melhor: os homens produzem mercadorias, daí produzem idéias que são as categorias abstratas das relações sociais. As categorias são produtos históricos e transitórios.

*Algumas categorias de análise*

a) O trabalho como categoria universal: A adesão teórico-metodológica ao materialismo histórico dialético exige a compreensão do historicismo concreto presente na obra de Marx e Engels, para os quais a produção material da vida engendra todas as formas de relações humanas e assim sendo, a categoria ontológica do trabalho torna-se imprescindível em qualquer estudo que se anuncie na perspectiva da totalidade histórica.

O que os homens são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com o *que* produzem quanto também com o *como* produzem.

b) Trabalho concreto e trabalho abstrato: Segundo Marx (1989), de um lado, todo trabalho é um dispêndio de força de trabalho humana, no sentido fisiológico, e é nessa qualidade, de trabalho humano igual, ou abstrato, que ele constitui o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força de trabalho humana de uma determinada forma e com um objetivo definido e é nessa qualidade de trabalho concreto útil que produz valores de uso. O trabalho concreto produz valor de uso e o trabalho abstrato produz valor (entendi como valor de troca – mercadoria).

O trabalho concreto e o trabalho abstrato não são atividades diferentes, mas sim a mesma atividade considerada em seus aspectos diferentes. O que Marx quer dizer é que só por meio da troca de mercadorias, o trabalho privado que as produziu se torna social (essa é uma das peculiaridades da forma equivalente de valor); a equalização do trabalho como trabalho abstrato só ocorre por meio da troca dos produtos desse trabalho.

c) Trabalho alienado: a alienação pode ser identificada em várias questões:

- pelo modo que o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como um objeto alheio, pois quanto mais o trabalhador se gasta trabalhando, tão mais poderoso se torna o mundo objetivo alheio que ele cria frente a si, tão mais pobre se torna ele mesmo, o seu mundo interior, tanto menos coisas lhe pertencem como suas próprias. É da mesma maneira na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos retém em si mesmo. O trabalhador coloca a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Portanto, quão maior esta atividade, tanto mais o trabalhador é sem-objeto. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quão maior este produto, tanto menos ele mesmo é;

- no ato da produção, dentro da atividade produtiva mesma, pois o trabalho é exterior ao trabalhador, não pertence à sua essência. O seu trabalho não é voluntário, mas compulsório, trabalho forçado. Por isso, não é satisfação de uma necessidade, mas somente um *meio* para

satisfazer necessidades fora dele. A sua alienação emerge com pureza no fato de que, tão logo não exista coerção física ou outra qualquer, se foge do trabalho como de uma peste. O trabalho exterior, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. Finalmente a exterioridade do trabalho aparece para o trabalhador no fato de que o trabalho não é seu próprio, mas sim de um outro, que não lhe pertence, que nele não pertence a si mesmo, mas a um outro. É a perda de si mesmo.

- O trabalho alienado faz do homem um ser alheio a ele, um meio da sua existência individual. Aliena o homem do seu próprio corpo, tal como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência humana. E o homem fica alienado do homem. Essa alienação vale para a relação do homem com o outro homem, assim, na relação do trabalho alienado cada homem considera o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. E a quem pertence o produto do trabalho então? Pertence a um outro homem fora o trabalhador, portanto, pelo trabalho alienado, o trabalhador engendra a relação de um homem alheio ao trabalho, e que está fora dele, com este trabalho. A relação do trabalhador com o trabalho engendra a relação do capitalista com este último, ou como quer que se queira chamar o senhor do trabalho. A propriedade privada é portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação exterior do trabalhador com a natureza e consigo mesmo.

d) Práxis: A expressão práxis em Marx (Manuscritos econômicos filosóficos e Teses sobre Feuerbach) refere-se à atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica do homem que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Neste sentido, o homem pode ser considerado o ser da práxis e o marxismo como a “filosofia (ou melhor, o “pensamento”) da práxis” (Vasquez, 1988). Nas Teses sobre Feuerbach, o conceito de práxis revolucionária é de central importância, concebida e racionalmente entendida como a coincidência da transformação das circunstâncias e da atividade humana ou auto-transformação. Nos Manuscritos econômicos e filosóficos Marx opõe, geralmente, “trabalho” e “práxis” e descreve explicitamente o primeiro como “o ato de alienação da atividade humana prática”, mas é por vezes incoerente, usando “trabalho” como sinônimo de “práxis”. Em *A Ideologia alemã*, insiste com veemência na oposição entre “trabalho” e o que havia chamado antes de práxis, e sustenta a opinião de que todo trabalho é uma forma auto-alienada de atividade produtiva humana, e deveria ser abolido. A forma não alienada da atividade humana, anteriormente chamada de práxis, passa a receber o nome de “auto-atividade”, mas, apesar dessa modificação da terminologia, a idéia fundamental de Marx permanece a mesma: “a transformação do trabalho em auto-atividade” (*Grundrisse* e *O Capital* apud Bottomore, 1988, p.293). Em última instância a PRÁXIS é a dialética entre a produção e a prática social.

e) Ideologia: A expressão ideologia não aparece nos textos da primeira fase do desenvolvimento intelectual de Marx, sendo introduzida na segunda fase como um conceito negativo e restrito. Negativo porque compreende uma distorção, uma representação errônea das contradições e restrito porque não abrange todos os tipos de erros e distorções. Ideologia como falsa consciência. A análise específica das relações sociais capitalistas leva-o à conclusão mais avançada de que a conexão entre “consciência invertida” e “realidade invertida” é mediada por um nível de aparências que é constitutivo da própria realidade. Após a morte de Marx, o conceito de ideologia começou a adquirir um novo significado, mas sem perder sua conotação crítica. Uma concepção de ideologia como a totalidade das formas de consciência social (“superestrutura ideológica”) e uma outra concepção como as idéias

políticas relacionadas com os interesses de uma classe, ambas atribuindo à ideologia um sentido positivo. (Bottomore, 1988, p.184, 185).

f) Real imediato e concreto pensado: A implementação do método marxiano, pressupõe como ponto de partida, a apreensão do real imediato (a representação inicial do todo) que convertido em objeto de análise por meio de processos de abstração resulta numa apreensão de tipo superior, expressa no concreto pensado. Porém, esta é a etapa final do processo, uma vez que as categorias interpretativas, as estruturas analíticas constitutivas do concreto pensado serão contrapostas em face do objeto inicial, agora apreendido não mais em sua imediatez, mas em sua totalidade concreta. Parte-se do empírico (real aparente), procede-se à sua exegese analítica (mediações abstratas), retorna-se ao concreto, isto é, à complexidade do real que apenas pôde ser captada pelos processos de abstração do pensamento. Para Marx, o pensamento (concreto pensado/subjetividade) só se permite compreender ou ser compreendido quando está plenamente formatado. Assim, a consciência - o abstrato que é a teoria - é o concreto pensado e a teoria é o ponto de partida para a Revolução. O marxismo é a base teórica que pretende refletir que a teoria se propõe ser prática. O concreto é concreto, porque é a concentração de muitas determinações, isto é, unidade do diverso, por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da concentração, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro caminho a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Assim é que Hegel chegou à ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se concentra, que se aprofunda em si mesmo e se apreende a partir de si mesmo como pensamento móvel, enquanto o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo espiritualmente como coisa concreta. Isto não é, de nenhum modo, o processo da gênese do próprio concreto.

As abstrações mais universais nascem onde existe o desenvolvimento concreto mais rico, onde uma coisa aparece como comum a muitos indivíduos, comum a todos. Então já não pode ser pensada somente sob uma forma particular. De outro lado, esta abstração do trabalho em geral não é mais que o resultado espiritual de uma totalidade concreta de trabalhos. Para Marx, a realidade humana é essencialmente material.

Para a epistemologia materialista histórico dialética, a compreensão dos fenômenos em sua processualidade e totalidade encontra respaldo apenas na dialética entre singularidade-particularidade-universalidade. Segundo Lukács (1970), nos nexos existentes entre singular-particular-universal reside o fundamento que sustenta uma autêntica e verdadeira aproximação e compreensão da realidade. Em sua expressão singular, o fenômeno revela o que é em sua imediatez (sendo o ponto de partida do conhecimento), em sua expressão universal revela suas complexidades, suas conexões internas, as leis de seu movimento e evolução, a sua totalidade histórico-social. Como opostos, se identificam, e a contínua tensão entre eles se manifesta na configuração particular do fenômeno. O particular para Marx, de acordo com Lukács, representa a expressão lógica da categoria de mediação entre o específico (singular) e o geral (universal) que não podem ser compreendidos de modo isolado e por si mesmos. É apenas pela análise dialética da relação entre o singular e o universal que se torna possível a construção do conhecimento concreto.

#### *O materialismo Histórico dialético e a Psicologia*

A construção de uma psicologia marxista é um desafio de diversos pontos – epistemológico, metodológico, ético. Do ponto de vista da Psicologia, poucos autores fora da

URSS realizaram este íterim, talvez, Wallon, seu colaborador Zazzo e Lucien Sève tenham sido as figuras mais conhecidas no ocidente. Politzer (1949) realizou mais uma crítica do que propriamente construiu um caminho. Coube aos psicólogos soviéticos esta tentativa. Construíram uma psicologia baseada no princípio da atividade (Leontiev) que teve seguidores no Brasil a partir do final da década de 1970 e que acabou se consolidando na criação da Associação Brasileira de Psicologia Social, liderada por Silvia Lane. Com relação à preocupação com a construção de conhecimentos e orientações de pesquisa nesta vertente, temos um interessante trabalho desenvolvido pelo cubano Gonzalez Rey, que se preocupou em desenvolver uma metodologia de cunho qualitativo, alicerçada numa Epistemologia Qualitativa, principalmente centrada na unidade de análise, ou como ele chamou, zona de sentido. Para exemplificar uma maneira de se pesquisar em psicologia tendo por princípio o materialismo histórico dialético, seguiremos a proposta de Vygotsky.

Sobre a relação entre a ciência psicológica e a construção da sociedade escreve Vygotsky:

Nossa ciência não podia nem pode desenvolver-se na velha sociedade [a sociedade capitalista]. Ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não for dona da verdade sobre a sociedade e da própria sociedade. Pelo contrário, na nova sociedade [a sociedade socialista], nossa ciência se encontrará no centro da vida. O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade formulará inevitavelmente a questão do domínio de nosso próprio ser, de subordiná-lo a nós mesmos (Vygotsky, apud Duarte, 2000, p. 04).

Segundo Duarte (2000), o psicólogo soviético defende a utilização, pela pesquisa psicológica, daquilo que ele chamava de "método inverso", isto é, o estudo da essência de determinado fenômeno através da análise da forma mais desenvolvida alcançada por tal fenômeno. Por sua vez, a essência do fenômeno na sua forma mais desenvolvida não se apresenta ao pesquisador de forma imediata, mas sim de maneira mediatizada e essa mediação é realizada pelo processo de análise, o qual trabalha com abstrações.

Vigotski adota assim, da dialética de Marx, dois princípios para a construção do conhecimento científico em psicologia: a abstração e a análise da forma mais desenvolvida. Toda a dificuldade da análise científica radica no fato da essência dos objetos, isto é, sua autêntica e verdadeira correlação não coincidir diretamente com a forma de suas manifestações externas e por isso é preciso analisar os processos; é preciso descobrir por esse meio a verdadeira relação que subjaz nesses processos por detrás da forma exterior de suas manifestações. Desvelar essas relações é a missão que há de cumprir a análise. A autêntica análise científica na psicologia se diferencia radicalmente da análise subjetiva, introspectiva, que por sua própria natureza não é capaz de superar os limites da descrição pura. A partir de nosso ponto de vista, somente é possível a análise de caráter objetivo já que não se trata de revelar o que nos parece o fenômeno observado, mas sim o que ele é na realidade. (Vygotsky 1995, p. 104)

Na sua obra "Pensamento e Linguagem", escrita num período mais maduro de sua obra, Vygotsky critica os pesquisadores em psicologia que buscam compreender os fenômenos psicológicos a partir do isolamento dos elementos mais simples desses fenômenos e da análise desses elementos em si e por si mesmos. Neste momento, o autor estava imbuído das leituras da obra Linguagem e Pensamento, de Piaget (1981, [1924]) e dos gestaltistas, sobretudo Kohler e seu estudo com a linguagem dos macacos. Sua frase "A palavra significativa é o

microcosmo da consciência humana” (Vygotsky, 2002), ressalta como a psicologia deve incorporar a dialética na análise dos fenômenos psicológicos.

Duarte (2000) aponta três momentos na construção da pesquisa na perspectiva vigotskiana: a) Análise do Processo ao Invés do Objeto/Produto, b) Análise Genotípica ao Invés de Fenotípica, c) A Contraposição das Tarefas Descritivas e Explicativas de Análise. Por fim, em substituição ao método da análise dos elementos, Vigotski propunha o emprego do método da análise das unidades. Temos uma forte influência desta concepção vygotskyana e particularmente, sua compreensão do sentido e do significado, no pensamento de Gonzalez Rey (2003).

O conceito de subjetividade em Psicologia é tratado muitas vezes como algo interno ao sujeito, aquilo que o faz diferente num todo social. Como vimos acima, esta distinção é absolutamente descartada numa leitura dialética da subjetividade, entendo que a relação singular-particular-universal abandona toda e qualquer forma de dicotomia, assumindo o caráter contraditório dos fenômenos. Nesta medida, cabe ressaltar o conceito de signo na psicologia de base marxista, por ser a análise desta unidade o instrumento de mediação entre as funções intra e interpsicológicas

A primeira coisa a notar sobre a compreensão de Vygotsky sobre o signo é sua forma de abordá-lo a partir de uma perspectiva de desenvolvimento. Para ele, esta perspectiva não significa, contudo, uma tarefa de escrever a história do conceito em si. Ele enriqueceu suas definições de signo ao estudar a gênese e os caminhos de desenvolvimento em várias atividades mediadas em crianças.

Vygotsky corretamente postulou que o signo adota uma posição mediadora na atividade humana, alterando a sua estrutura e curso de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, ele adotou a prevacente distinção epistemológica, muito cultivada na filosofia e psicologia Ocidental, entre o objeto e sua representação. Isso causou um empobrecimento conceitual em sua concepção do signo além de criar e manter um buraco entre os dois principais mediadores da atividade humana, a ferramenta e o signo. Conforme nos lembra o psicólogo finlandês M. Leiman (1992):

It might be argued that the later accusations, made by Soviet psychologists, of Vygotsky's intellectualism reflect his dualism concerning the tool as a material object and the sign as an ideal phenomenon. However, the efforts to resolve this dualism by adopting the conception of object-oriented activity led into another dead end, described by Zinchenko (1990). It caused an impoverishment in the psychological understanding of symbolic processes and blocked empirical research on the manifold patterns and transformations of tool and sign mediation (Leiman, 1992, p.03).<sup>2</sup>

Para Vygotsky, os sinais em geral e a linguagem em particular, como o sistema principal de sinais, são reversíveis (Lee, 1985). Por isso, ele entende que sinais (verbais) caem sobre seus usuários, podendo servir tanto como um estímulo e como uma resposta. Esta

---

<sup>2</sup> Pode-se argumentar que as acusações mais tarde feitas por psicólogos soviéticos, do intelectualismo de Vygotsky reflita seu dualismo relativo a ferramenta como um objeto material e do signo como um fenômeno ideal. Entretanto, os esforços para resolver este dualismo, adotando o conceito de atividade orientada ao objeto levaram a outro beco sem saída, descrita por Zinchenko (1990). Isto causou um empobrecimento na compreensão psicológica dos processos simbólicos e bloqueou a investigação empírica sobre os padrões e transformações de ferramentas e sinais de mediação. (tradução nossa)

propriedade permite seus usuários a empregar sinais para controlar seu próprio comportamento. Tal ponto de vista do signo parece ter sido desenvolvido pela qualificação da analogia da ferramenta. O que é conseguido a partir da analogia é o papel de mediador dos sinais em processos psicológicos, mas o próprio signo continua a ser um conceito não-desenvolvido. Ainda, o signo se torna, de uma forma indireta, caracterizado na pesquisa de Vygotsky sobre o discurso interno, no desenvolvimento do significado das palavras e conceitos científicos.

Reverendo este trabalho, Lee (apud Leiman, 1992) descreveu duas características do signo que refletem a influência da lingüística contemporânea e lógica no pensamento de Vygotsky. Em primeiro lugar, em sua análise genética da fala, Vygotsky distinguiu funções comunicativas e representativas da linguagem. Em segundo lugar, ao analisar o desenvolvimento do significado das palavras, ele destacou significado e referência como dois aspectos estruturais dos signos lingüísticos. Vygotsky ilustrou isso com duas frases que fazem referência a Napoleão. Sempre que dizemos ‘o vencedor de Jena’ ou ‘o perdedor de Waterloo’ nos referimos a mesma pessoa, no entanto o sentido das duas frases é diferente.

Além de Vygotsky, outros autores soviéticos se preocuparam com a explicação da constituição da subjetividade (Rubinstein, 1968; Leontiev, 1978), além de psicólogos marxistas franceses (Wallon, 1941; Sève, 1989). Uma discussão que deve ser encarada, mas que excede a intenção deste artigo e que pretendemos fazê-la em outro momento é a da problematização da noção de sujeito na psicologia marxista. Tal discussão, que é inerente à discussão da subjetividade, recebeu diferentes motivações nos debates soviéticos e marxistas fora da URSS, como bem apontam Rey (2003), Roudinesco (2007) e Zinchenko (1999).

### ***Considerações finais***

Pensar a subjetividade enquanto intersubjetividade não é uma novidade no mundo psicológico e tem sido realizada com freqüência no atual cenário acadêmico. Esta relação foi tratada a partir de um diálogo freudo-marxista (Doray, 1989; Marcuse, 1966; Fromm, 1979) e demais tradições marxistas. A necessidade de construções teóricas parciais excludentes, que têm caracterizado o desenvolvimento do pensamento psicológico, foi uma das questões que de forma reiterada apareceram na obra de Vygotsky. A tarefa de conceber uma nova representação da psicologia não seria resolvida com a acumulação de dados organizados a partir das posições dominantes do saber psicológico, mas sim, por meio de uma nova representação teórica que atuaria como modelo para gerar novas zonas de sentido na produção do conhecimento psicológico. Tal dimensão teórico-metodológica seria o materialismo histórico-dialético, que na sua essência se apresenta como um método capaz de gerar núcleos de sentido a partir da noção de contradição, que não opõe indivíduo-sociedade, mas prevê desvelar suas mediações constitutivas.

Acreditamos que a psicologia de base marxista ao partir da dimensão concreta da existência, possa chegar às dimensões empírica e subjetiva presentes no gênero humano e que para além da lógica formal, introduz uma lógica humanista e existencial, centrada no compromisso ético da superação das condições de exploração, dominação e mistificação que caracterizam as relações no modo de produção capitalista.

Alves, A. M. (2010) The historical materialist dialectical method: some issues about subjectivity. *Revista de Psicologia da UNESP*, 10(1), 1-13.

**Abstract:** *the article deals with the exposure of some aspects of the historical materialist dialectical method and its contribution to the study of subjectivity. Provides definitions and conceptual epistemological as treated by Marx and some commentators. In the last part presents an outline of a Marxist psychology as proposed by Soviet authors, especially Vygotsky and how the author incorporates the dialectical method in the analysis of psychological phenomena .*

**Keywords:** *Marxist dialectical, psychology, subjectivity, mediation.*

## **REFERÊNCIAS**

Bottomore, T. (et. all.) (1988). *Dicionário do Pensamento Marxista*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Duarte, N. (2000) A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 71, jul. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-3302000000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3302000000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 18 abril de 2009. doi: 10.1590/S0101-73302000000200004.

Engels, F. (1977) *Dialética da natureza*. São Paulo: Paz e Terra.

Fernandes, F. (Org.) (1984) *K. Marx, F. Engels. História*. 2 ed. São Paulo: Ática.

Fromm, E. *Meu encontro com Freud e Marx*. (1979) São Paulo: Jorge Zahar.

Gonzalez Rey, F (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thompson Learning.

Leiman, M. (1992) The concept of sign in the work of Vygotsky, Winnicott, and Bakhtin: further integration of object relations theory and activity theory. In: *British Journal of Medical Psychology*, 65, 209-221

Marcuse, H. (1966) *Eros e civilização*. São Paulo: Jorge Zahar.

Marx, K (1980) *O capital*. São Paulo, Abril Cultural, v.1, p. 81-257.

- Marx, K. (1989) *Manuscritos econômico filosóficos e outros textos escolhidos*. Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. & Engels, F. (1977) *A ideologia alemã*. São Paulo, Grijalbo.
- Piaget, J. (1981) *O pensamento e a linguagem na criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rosseto, E.; Brabo, G. (2009) A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões. *Travessias*, n.5.
- Roudinesco, E. (2007) *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silveira, P & Doray, B. (Orgs) (1989). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice.
- Vasquez, A. S. (1971) *Filosofia da práxis*. São Paulo: Paz e Terra.
- Vygotsky, L. S. (2003) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2002) Significado histórico da crise da Psicologia. In: *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo.
- Wallon, H. (1975) Psicologia e materialismo dialético. In: WALLON, H. *Objetivos e métodos da Psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Zanella, A. V. (2004) Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicol. estud.* v.9 n.1 Maringá jan./abr.
- Zinhenko, V. (1998) Teoria sócio-cultural e teoria da atividade: revisão e projeção para o futuro. In: WERTSCH, J (org). *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido: 12 de outubro de 2009.

Aprovado: 10 de março de 2010.